

SÍMBOLOS DO POVO DE SANTO NA FESTA DE IEMANJÁ: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR ENTRE A GEOGRAFIA CULTURAL, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Eduardo Oliveira Miranda¹

Hellen Mabel Santana Silva²

Cales Alves da Costa Junior³

Luis Vitor Castro Junior⁴

Resumo: “Dia 2 de fevereiro é dia de Festa no mar, eu quero ser o primeiro a saudar a Iemanjá”⁵. O ato de homenagear a Rainha das águas carrega consigo elementos fluidos que traduzem independente do grupo, a fé e confiança depositadas a essa entidade africana. Destarte, visualizamos nessa manifestação um relevante lócus de pesquisa, sobretudo por acreditar que o estudo da paisagem permite identificar os elementos culturais dos grupos afrobrasileiros, os quais são repletos de símbolos e que tecem uma encruzilhada de pensamentos, valores, crenças respaldadas, principalmente, pela oralidade. Para tal, o presente artigo intenta uma interdisciplinaridade que envolve a Geografia Cultural, a Fotografia e a Memória.

Palavras-chave: Festa de Iemanjá. Geografia Cultural. Fotografia. Memória. Paisagem.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciado em Geografia – Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior – Visconde de Cairu. Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Membro dos Grupos de Pesquisa “Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas dos Legados Africanos, Indígenas e Quilombolas - UESB” e “Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário- UEFS”. eduardomiranda48@gmail.com

² Licenciada em Geografia – Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior – Visconde de Cairu. Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Membro dos Grupos de Pesquisa “Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas dos Legados Africanos, Indígenas e Quilombolas - UESB” e “Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário- UEFS”. hellenmabelss@gmail.com

³ Graduado em Matemática – Universidade Estadual de Feira de Santana. Membro do Grupo de Pesquisa “Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário- UEFS”. calesajr@gmail.com

⁴ Doutor em História – PUC/SP. Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS. Vice-Coordenador do Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário-UEFS”. axevisor@gmail.com

⁵ Composição: Dorival Caymmi.

“Dia 2 de fevereiro é dia de Festa no mar, eu quero ser o primeiro a saudar a Iemanjá”⁶. O ato de homenagear, reverenciar e presentear a Rainha das águas carrega consigo elementos simbólicos que traduzem independente do grupo, a fé e confiança depositadas a essa entidade africana.

A festa da Rainha do Mar é comemorada em diversos países e cidades do Brasil. No interior baiano, o município de Cachoeira se destaca como um dos que reserva uma data do ano para realizar homenagens ao Orixá. No entanto, a capital Salvador, aponta com maior visibilidade a concentração de indivíduos que ocupam as ruas com a finalidade de festejar, principalmente nas vias, orla e praia do Rio Vermelho, onde é forte a reverência dos devotos, chamados “Povo de Santo”⁷, com seus batuques, com suas oferendas e com toda a sua fé à Iemanjá. É na areia da praia onde ocorrem os rituais e no mar as embarcações levam os presentes para a Rainha do Mar.

A referida manifestação cultural recebe a denominação de *festa de largo*, posto que o desenrolar das atividades ocorrem ao redor de uma igreja “e compreende sempre um rito, ou um conjunto de ritos sacros” (Trindade-Serra, 2009, p. 71)

A homenagem tem origem com a entrega de presentes pelos africanos a Mãe de Todas as águas, como explicita Ferreira:

(...), sua origem remontando aos presentes à Mãe d’água no século XIX, descritos por Carneiro (1977). Estes presentes eram levados à grande Mãe pelos africanos e seus descendentes. A festa, atualmente, ocorre no bairro do Rio Vermelho, orla de Salvador, motivada pela devoção de pescadores à divindade marinha; a data dois de fevereiro, como em outras festas realizadas ao longo do litoral, refere-se a figura da Mãe d’água e Nossa Senhora das Candeias cuja celebração é feita nesse dia. (2004, p. 110)

A festa do dia 2 de fevereiro representa para alguns autores o sincretismo entre o Catolicismo e o Candomblé. Assim como Ferreira (2004), compreendemos que o sincretismo foi uma forma que os negros africanos e afrobrasileiros encontraram de perpetuar o culto aos seus ancestrais. Sendo

⁶ Composição: Dorival Caymmi.

⁷ Indivíduos que são adeptos das religiões de matrizes africanas.



assim, o dia de reverenciar Nossa Senhora das Candeias foi utilizado inicialmente para acobertar o ritual africano de celebração à Janaína⁸.

Este artigo apresenta algumas incursões teóricas que norteiam as discussões do Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo⁹, cuja temática central aborda as festividades do povo baiano. Para tal, realizamos um recorte com o objetivo de construir um discurso geográfico que permitisse a interdisciplinaridade com as demais categorias, tendo como fonte de análise as narrativas e as imagens fotográficas.

Na primeira parte deste texto, busca-se problematizar a história mítica que envolve o orixá homenageado, sendo assim, a produção textual teve o seu tecer a partir dos estudos de Bastide (1971), Vallado (2002), entre outros. Em seguida se discute o conceito de *Paisagem* e sua contribuição na análise do festejo escolhido, Festa de Iemanjá. O lócus em foco localiza-se em Salvador, Bahia, precisamente na orla do bairro do Rio Vermelho. Neste mesmo item, inserimos a análise da fotografia¹⁰ e a sua funcionalidade na compreensão da festa de largo.

Por fim, foi inserida a categoria *memória*, a qual proporciona que grupos historicamente silenciados tenham suas narrativas evidenciadas. Destarte, entrevistamos¹¹ membros do Centro de Iemanjá Umbandista Mãe Liu, com a finalidade de ter acesso as suas narrativas, bem como intensificar a compreensão do objeto estudado e as contribuições da memória coletiva e individual nesse processo.

IEMANJÁ – SENHORA DAS CANDEIAS, MÃE DOS ORIXÁS

Oguntê, Marabô, Caiala, e Sobá
Oloxum, Ynaê, Janaina e Iemanjá
Oguntê, Marabô, Caiala, e Sobá

⁸ Outra nomenclatura que se refere ao Orixá Iemanjá.

⁹ O Grupo de Pesquisa e Extensão “Artes do Corpo: História, Imagem e Imaginário” é credenciado na CAPES e está sob a coordenação do Professor Doutor Luis Vitor de Castro Junior – Titular na UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

¹⁰ Para embasar as discussões sobre esta área, utilizei as produções de Barthes (1984) e Dubois (1993).

¹¹ Todos os entrevistados possuem nomes fictícios, com o intuito de preservar as suas verdadeiras identidades.



Falar sobre mitos invariavelmente implica em analisar a estrutura do Tempo, seja ele mítico ou sagrado. A intemporalidade que caracteriza os mitos é o fator mister que os tornam elos propulsores da ligação entre o presente e o passado. Ou seja, ao ouvir, ler um mito nos interligamos ao princípio das coisas, a raiz ancestral que sustenta as existências humanas.

Os mitos sobre as religiões de matrizes afrobrasileiras narram a criação do mundo e a relação entre os deuses, homens e a natureza, estabelecendo a ponte entre o começo da vida, as características ancestrais e sua continuidade no presente, sobretudo no culto aos orixás.

No panteão africano Iemanjá figura como a senhora das grandes águas, mãe e protetora dos deuses, homens e peixes, cuja feminilidade a caracterizam enquanto orixá da beleza e doçura. Dentre os mais diversos nomes dados a divindade estão: Caiala, Dandalunda, Dona Maria, Janaína, Deusa Janaína, Inaê, Princesa do Mar, Oxumalê, Olôxum, Rainha das águas, Sereia Mucunã, Malemba e mais tanto outros nomes a depender da nação que a cultua. Sua origem relaciona-se com o culto dos Ègbá, oriundos da nação Iorubá, na África, sendo disseminado no vasto espaço africano e trazido ao Brasil por meio dos escravos.

A imagem de mãe soberana e hierarquicamente superior aos demais orixás fazem de Iemanjá um orixá cultuado e reverenciado popularmente. Dona do mar, provedora da fartura para os pescadores, mãe querida e sereia sedutora, Iemanjá representa a força mítica do feminino e suas diversas facetas. No candomblé, enquanto dona das cabeças governa a consciência humana, o equilíbrio mental, a clareza de mente, que cuida da sanidade dos seus filhos. Contudo, alguns autores como Vallado (2002) e Souza (2011) alertam para as reinterpretações e incorporações de novos elementos simbólicos na representação do orixá Iemanjá. A cultura negra tem seus signos semiotizados pela cultura Ocidental de modo que, sua representação ganha contornos folclóricos ou, na maioria das vezes depreciativas.

¹² Música “Lenda das Sereias” interpretada por Clara Nunes.



Souza (2011), defende que a associação do orixá às sereias, ao longo da história recebeu elementos que lhe afastam da representação africana o que, em certa medida infere até mesmo na caracterização física do orixá. Ou seja, a incorporação de valores sociais possui a capacidade de descaracterizar as imagens do sagrado, atribuindo às mesmas atributos que se distanciam do real. A imagem de uma lemanjá de tez branca, jovem, longos cabelos lisos em nada se assemelha a imagem da orixá africana negra, de fartos seios e aspecto guerreiro.

Bastide (1971) alerta para o fato da justaposição dos cultos de matriz africana e o culto católico, o que substanciaria na relação entre lemanjá e a Virgem Maria. Destarte, tal associação sincrética não acontece sem recodificar aspectos tidos como impróprios para o imaginário. Ou seja, trata-se do jogo, das adaptações as quais as religiões de matrizes africanas se submeterem para que seus cultos pudessem permanecer vivos.

Assim, lemanjá entrona o panteão africano e seu universo mítico enquanto Senhora Mãe de Todos, Deusa das águas e símbolo da feminilidade. Aos seus filhos e filhas de santo representa o poder maior, fonte de toda doçura e acalento. Enquanto princípio da fertilidade e da criação, lemanjá está em tudo garantindo o equilíbrio e a continuidade do axé enquanto movimento cíclico da energia que move o universo.

GEOGRAFIA, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: UMA TRÍADE INTERDISCIPLINAR NA GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia padece, mais do que outras disciplinas, de uma interdisciplinaridade (SANTOS, 2008, p. 128)

A ciência geográfica, desde o seu surgimento confere relevância epistemológica aos estudos que envolvem a cultura. Na contemporaneidade, os campos de investigação da Geografia caracterizam-se pela pluralidade dos pressupostos metodológicos, o que justifica a inserção da compreensão cultural dos grupos e lócus em destaque, posto que esse viés paradigmático prioriza as representações e percepções que os sujeitos estabelecem com os lugares em que desenvolvem as práticas sociais.



Sendo assim, optamos em problematizar, com auxílio das fotografias, o conceito de *Paisagem* com ênfase na produção dos teóricos que fundamentam a Geografia Cultural, dentre eles Claval (2002)¹³. Além disso, correlacionamos outras duas categorias de análise: *Fotografia e Memória*. Em relação à primeira nos apropriamos dos estudos de Edson Ferreira (2004)¹⁴, já a segunda, tem o embasamento nos escritos de Pollak (1992)¹⁵.

Para Milton Santos (1998) o conceito de *paisagem* ultrapassa o modo de pensar ocidental de que tudo deve ser mensurado e materializado. O autor afirma que o visível tem relevância, mas o invisível recebe destaque a partir da inserção dos elementos que despertam a audição (sons) e o olfato (odores): “Tudo aquilo que vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível [...]. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (p.61)

O ESTUDO DA PAISAGEM COM AUXÍLIO DAS FOTOGRAFIAS: A INSERÇÃO DO ICÔNICO NAS INVESTIGAÇÕES GEOGRÁFICAS

(Paisagem é) Uma composição mental resultante da percepção de uma seleção e estruturação subjetiva a partir da informação emitida pelo entorno, mediante o qual este se torna compreensível ao homem e orienta suas decisões e comportamentos. (CAVALCANTI, 1998, p.13)

No texto de Cavalcanti (1998) percebe-se o destaque atribuído a “percepção”, a qual é imprescindível na análise da paisagem, ou seja, cada indivíduo vai observar a paisagem e extrair dela o que for do seu interesse, o que for assimilado com a sua cultura, com a sua identidade.

¹³ Na visão desse autor “a paisagem não se apresenta tão-somente como um reflexo do funcionamento passado ou presente da sociedade. As relações emocionais entre paisagem e o observador são analisadas. (...) A significação da paisagem na construção ou na preservação das identidades é ressaltada”. (2002, p. 26)

¹⁴ Em relação a Edson Ferreira, utilizamos a sua tese intitulada “**Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia: São Salvador**” para embasar o entendimento acerca da fotografia e a sua aplicabilidade metodológica.

¹⁵ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.



Nesse caso, a Geografia Cultural tende a priorizar os aspectos subjetivos, os sentimentos, os valores, as identificações, as percepções. Para tanto, entendemos que uma das possibilidades em trabalhar o conceito de *paisagem* envolve a linguagem visual fotográfica, já que possibilita discutir situações que não serão repetidas. Barthes afirma que a fotografia proporciona um “isso foi” (1984, p. 115) que faz os sujeitos relembrem do passado e reforçar a sua memória individual e a memória coletiva de um determinado grupo. Para Dubois (1993, p.314): “Uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias.”

A fotografia, apesar de não capturar todos os elementos da paisagem, nos remete ao passado e faz com que as lembranças sejam rememoradas. Em consonância, Pollak (1992, p. 204), ratifica que a memória “[...] é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. Portanto, a memória vive apenas porque existe um presente, já que para acessarmos o passado obrigatoriamente necessitamos da identidade que está viva no tempo presente. Nesse tear das memórias a fotografia assume a função de evocar lembranças, como afirma Ferreira:

A utilização da fotografia, nesse caso, possibilita uma interatividade muito forte, implica um movimento que envolve as festividades, as pessoas fotografadas e outras tantas que, porventura, tenham acesso ao material produzido, pela quase sedução que este recurso provoca. Como evocadora de lembranças e restauradora da memória, a imagem fotográfica não registra som, a música-atributo somente a outros tipos de recurso-, entretanto ela é capaz de comunicar sua presença mesmo quando, na imagem, não existem indícios materiais do fenômeno musical. Apesar disso, as leituras que a fotografia propicia remetem não somente para o visível, mas também, e principalmente, para o sensível. (2004, p.28)

Sustentando-se nessas posições teóricas é que consideramos a discussão sobre memória como um arcabouço fundamental na análise de uma paisagem que não volta a ser repetida, mas que mesmo assim, pode ser reconstruída, mentalmente, através de um dispositivo (icônico/fotografia) que sensibiliza os sujeitos a revisitar um momento que está intimamente reverberado nas suas lembranças.



ELEMENTOS SIMBÓLICOS QUE ESTRUTURAM A FESTA DE 2 DE FEVEREIRO: INSTANTES CAPTADOS POR NOSSAS LENTES

No balanço das ondas
A paz ela semeia¹⁶

As imagens capturadas pelas nossas lentes demonstram os mais variados interesses de distintos indivíduos e grupos na manifestação. Por ser uma festa que congrega diversas intencionalidades, identificamos uma variedade de elementos simbólicos que compõem a paisagem do Rio Vermelho no dia 2 de fevereiro.

Entre os mais de 200 registros feitos por nossas lentes, escolhemos alguns para realizar análises e de certa forma evocar as nossas lembranças, o que auxilia na compreensão dos objetos captados. Dentre tantos, nos atemos em discutir: a fila que leva ao barracão de lemanjá; a praia e as manifestações que ocorrem nas areias.

A PRAIA RECEBE A FESTA DO POVO DE SANTO

Vários negros foram pro Brasil
Bantos, Nagôs e Iorubas¹⁷



Figura 1 – Festa na praia. (Fonte: Arquivo dos autores)

¹⁶ Música “Lenda das Sereias” interpretada por Clara Nunes.

¹⁷ Composição: Marquinho Coreba. “Rainha das águas”.

Ao observarmos a geografia da praia nas imagens (Fig.1) acima é possível notar sua morfologia curvilínea, como se fosse uma meia lua que, se observada de forma atenta aos elementos simbólicos existentes em seu lócus lembra também o formato do próprio corpo de Yemanjá: metade humano, metade rabo de peixe. Ou seja, no momento da festa a praia apresenta uma série de simbologias que a constituem enquanto lugar de celebração da fé, lugar do sagrado.

A paisagem do local no dia da festa é configurada pelo fluxo de pessoas que passam de uma extremidade a outra da praia, por entre uma e outra tenda, promovendo um fenômeno interessante de reorganização do lugar, pois cada tenda corresponde a uma casa ou terreiro (de candomblé ou umbanda) e forma sua própria roda para realizar seus ritos em homenagem a Yemanjá.

Para além disso, cada roda tem a sua singularidade, produz os seus próprios sons, ritmos, estéticas e mistura de cores, existindo sempre em círculos, onde os corpos rodam, ajoelham, gritam, cantam e deitam na areia.

Nesse prisma, para o povo de santo a areia da praia não é um simples lugar por onde as pessoas transitam de um lado a outro, a fim de oferecer presentes à Rainha do Mar. Ela é o local onde os corpos expressam, através das danças sagradas, seus sentimentos, seus desejos, seus murmúrios e seus enunciados. Pode-se considerar esse local como um vasto espaço de passagem entre os vivos e as divindades da religiosidade afrobaiana, o encontro de entre-corpos que favorecem uma dimensão coletiva dos corpos-passagem.

NARRATIVAS, MEMÓRIAS E FÉ: PROJEÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS REFERENTES AO DIA 2 DE FEVEREIRO

É dois de fevereiro
É dia de Iemanjá
Levo-te oferendas
para Ihe ofertar¹⁸

O interessante em estudar uma festa realizada em um centro urbano é poder visualizar e investigar as variações de valores atribuídos a um mesmo

¹⁸ Composição e interpretação do Bloco Afro Olodum.



território. Alguns grupos sociais pensam, percebem e concebem os lugares que consideram importantes para a sua cultura. Para alguns dos nossos entrevistados, o Rio Vermelho só tem prestígio nesse dia da festa. No decorrer do ano é visto como uma praia qualquer, a qual não possui nenhum significado especial. Entendemos que essas pessoas se identificam com a espacialização dos símbolos ali encontrados.

No entanto, para outros participantes o Rio Vermelho é a extensão dos seus terreiros, pois os devotos de Iemanjá identificam qualquer área litorânea como seu lugar, como seu território: “Onde eu chegar e tiver água do mar, me sinto em casa, me sinto no meu centro religioso. Faço as minhas orações agradeço a minha mãe Iemanjá. Não importa se é dia 2 de fevereiro, o importante é homenagear minha mãe.”¹⁹

Apesar da modernidade e das características econômicas atribuídas à festa de largo, a festividade no dia 2 de fevereiro ainda é sustentada fortemente pela fé. É perceptível a existência da fé no dia do festejo. São inúmeros grupos de Candomblé e Umbanda que prestam homenagens.

Cada terreiro leva seus balaios (Fig. 2) com variados objetos (perfumes, flores, bonecas, velas, bijouterias, ouro, pedras preciosas, etc.) para serem depositados nos barcos, os quais entregam os presentes em alto mar.



Figura 2 – Balaios com presentes sendo levados por fiéis. (Fonte: Arquivo dos pesquisadores)

¹⁹ Regina, integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu.

Entendemos por fé o mesmo que Abbagnano (2004, p.431), “[...] crença religiosa, como confiança na palavra revelada”. E conclui: “[...] enquanto a crença, em geral, é o compromisso com uma noção qualquer, a fé é o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade.” Com isso, tem-se a fé como algo extremamente espiritual, que só consegue sentir aquele que acredita e vive aquela realidade.

Uma das características fortes naquele ambiente é a liberdade de expressão. É um momento no qual os fiéis das religiões afrodescendentes (que geralmente são marginalizadas) não possuem medo de expressar a sua fé. É um dia em que as relações hegemônicas são abaladas, pois os padrões étnicos são resignificados e os grupos subalternizados historicamente reafirmam suas identidades:

No dia-a-dia eu não conto para as pessoas que sou devota de Iemanjá. Não conto que sou filha de santo, que frequento um centro de Umbanda. As pessoas vão me olhar diferente. Não tenho vergonha da minha religião, mas não quero sofrer preconceito no meu trabalho.²⁰

A narrativa acima nos leva a compreender que a homenagem do dia 2 de fevereiro já faz parte da memória de muitos grupos sociais, o que permite a reprodução da festa no tempo e espaço social, o que acentua a necessidade de valorização e respeito às identidades daqueles que tem a festa como um dia de agradecer e/ou agradar os seus orixás.

OS PRESENTES A IEMANJÁ: O PRAZER DE ESTAR NA FILA

Quando a maré baixar
Vá Ihe visitar
vá fazer devoção
vá Ihe presentear.²¹

“Nunca vi uma fila, onde ninguém reclama”²². Essa afirmativa foge do ideário cotidiano, já que no Brasil boa parte das atividades sociais envolve filas:

²⁰ Laura, integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu.

²¹ Composição: Marquinho Coreba. “Rainha das águas”.

²² Fala de um dos devotos de Iemanjá que se encontrava na fila que leva ao barracão.



banco; hospitais; repartições públicas; lazer (cinema, teatro, shows); entre outros ambientes. Quem diria que uma manifestação pública e coletiva seria capaz de possuir uma fila organizada?

As homenagens são realizadas durante todo o dia. Alguns preferem entregar os seus presentes nos balaios que ficam dentro da casa de Iemanjá. Para isso, devem obedecer a fila que se forma na orla (Fig. 3). Segundo Ferreira (2004, p.110): “Desde as primeiras horas do dia 2 de fevereiro, já há uma grande fila dos adeptos dos Orixás levando os seus presentes preferidos pelas deusas”.



Figura 3 – Fila para entrega de presentes. (Fonte: Arquivo dos pesquisadores)

Enquanto alguns se submetem a esperar nas filas, outros relataram que não importa se os presentes estarão nos balaios que saem do barracão, pois o que interessava era presentear Iemanjá. Para eles o que importa é o respeito e carinho com a mãe das águas.

CENTRO DE IEMANJÁ UMBANDISTA MÃE LIU: FÉ E DEVOÇÃO

Eu fui á beira da praia, pra ver o balanço do mar.
Eu vi um retrato na areia, me lembrei da Sereia,
Comecei a chamar
Ô Janaina vem ver,
Ô Janaina vem cá,
Receber estas flores, que venho lhe ofertar.²³

²³ Canto popular

Durante a pesquisa identificamos que diversos grupos se deslocam do interior do estado para Salvador. Dentre eles encontramos um grupo de Umbanda que a cada dois anos viaja para participar do momento de adoração à rainha das águas. No ano em que não festejam no Rio Vermelho, o centro organiza uma festa no próprio terreiro seguindo os ritos de orações, presentes, pedidos e homenagens.

Liderado por Maria de Lourdes Figueiredo Oliveira - Mãe Liu, o Centro de Iemanjá Umbandista Mãe Liu é composto por homens e mulheres que dedicam parte do tempo ao culto a Iemanjá. A ida à festa acontece às 4:00 horas da manhã e é antecedida por uma preparação da líder e de suas filhas de santo, uma espécie de espiritualização com flores e perfumes. Há uma preocupação com o preparo do material (escolha da cor da roupa a ser usada, de acordo com seu orixá de frente, ou com alguma cor que simbolize Iemanjá), até o espiritual, cujo foco é na purificação da mente e da alma para o encontro com a deusa do mar: “Não se pode entrar no mar sem uma preparação, uma licença dada por nossa mãe de santo, de corpo aberto. Tem que se preparar, entender que ali é um local sagrado, tem que ter respeito”.²⁴

Apesar de se identificarem intensamente com o Rio Vermelho, os participantes não possuem objeção em festejar em outras praias, ou até mesmo em rios:

Podemos ir para rios, como já fomos para o rio Jacuípe. Poderia ser em Madre Deus, ou qualquer outro lugar com água. Gostamos de ir para Salvador pra participar da festa com outros grupos, é uma festa maior. E lá nós já vemos todas as características de Iemanjá, chegamos e sentimos a festa. Lá já tem a estrutura, o lugar de “arriar” o balaio. Nós gostamos muito.²⁵

O respeito e a fé são as questões mais defendidas pelos integrantes, sobretudo porque eles entendem que se tratam de pré-requisitos essenciais para o culto a Iemanjá. Os presentes são preparados com certa antecedência e esmero, todos organizados em balaio, os quais são levados por rapazes do grupo - chamados Ogans - até alto mar, antes do meio-dia.

O ato de entregar flores é caracterizado por um carinho peculiar que denota o simbolismo e a fé inseridos ao objeto:

²⁴ Laura, integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu.

²⁵ Maria, integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu.



A forma de a gente não querer jogar uma flor, é porque não podemos simplesmente jogar. Vamos pegar aquela flor, beijar, fazer nosso pedido com todo respeito, entregar a ela como eu entregaria a minha mãe física. Um presente não se joga.²⁶

Durante os relatos a palavra emoção foi citada inúmeras vezes, talvez por todos eles demonstrarem uma devoção inabalável à entidade. Mãe Liu – a mãe de santo dos integrantes e líder do centro – também é reverenciada pela atenção e carinho com que recebe os seus filhos e ajuda na vida de cada um.

Os filhos dos devotos convivem desde cedo com a cultura e os ritos, são preparados com a água de lemanjá e participam das festas no terreiro representando orixás. As mães buscam ensinar o respeito à religião.

A liberdade em andar ornamentado, em grupo e carregando flores pelas ruas do Rio Vermelho é outra razão de imensa emoção:

O que eu mais gosto é de poder andar toda de branco pelas ruas sem sentir que outros me olham com preconceito. É uma coisa que eu não vou poder fazer aqui, nas ruas daqui. Estar com o grupo, com minha mãe, orando, cantando e levando os presentes e muito bom. A gente fica querendo que chegue logo o outro ano pra fazer tudo de novo.²⁷

De forma geral, a impressão que tivemos é de que a festa é um momento único, onde todos buscam demonstrar a fé e força que lemanjá possui em suas vidas. Seja entregando um presente, orando ou agradecendo as graças obtidas, o simples fato de estar no Rio Vermelho no dia dois de fevereiro, durante algumas horas, é uma oportunidade de renovar a energia e festejar a deusa das águas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre Geografia e Cultura amplia as possibilidades de valorização das espacialidades da sociedade. O saber sobre a natureza

²⁶ Maria, integrante do Centro lemanjá Umbandista Mãe Liu

²⁷ Joana, integrante do Centro lemanjá Umbandista Mãe Liu.



associado ao saber sobre o homem e suas vivências condiciona ao entendimento da paisagem cultural construída diariamente pelos sujeitos.

Ao passo em que observamos e sentimos a paisagem e seu conjunto de formas, nos é dada a possibilidade de adentrar dimensões que estão para além do óbvio, do que está concretamente exposto aos nossos olhos. Somos chamados a entender posturas, identidades, concepções e tantos outros fatores possíveis de estudo e análise.

A festa de Iemanjá é uma manifestação cultural que modifica a paisagem habitual do bairro Rio Vermelho, Salvador, inserindo elementos, pessoas, objetos, sentimentos, sons e cores. Além disso, a dimensão que as festas públicas de religiões afrobrasileiras possuem constitui uma das principais razões para o aumento da visibilidade social no espaço público e, porque não dizer, uma tentativa de quebra do preconceito comumente disseminado. No momento da festa boa parte dos sujeitos comungam de uma só referência: a fé. As linguagens corporais, religiosas e simbólicas são expostas e festejadas, os valores reafirmados, a identificação com o lugar também se reafirma e a tradição permanece na sociedade.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: Pioneira, Ed. Univ. S. Paulo, 1971.

CAVALCANTI, L. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. **“A volta do Cultural” na Geografia**. Mercator - Revista de Geografia da UFC. Fortaleza, vol 01, n. 01, 2002, p. 19-28.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



DUBOIS, Philipe. **O ato fotográfico**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas. SP: Papyrus, 1993.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia: São Salvador**. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado (Doutoramento em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TRINDADE-SERRA, Ordep José. **Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia**. 2. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001. 591p.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____ **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a Geografia Crítica**. 6.ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUZA Junior, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

